

Freire, Educação Libertária e Anarquismo

Freire, Libertarian Education and Anarchism

Nicholas Kluge Corrêa¹ e Carlos Alberto Rojas Carvajal²

¹Mestre em Engenharia Elétrica e Doutorando em Filosofia (PUCRS), nicholas.correa@acad.pucrs.br,
ORCID: 0000-0002-5633-6094

²Mestre em Estudos em Desenvolvimento e Doutorando em Educação (PUCRS),
CARLOS.CARVAJAL@EDU.PUCRS.BR, ORCID: 0000-0001-7402-8389

Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil -
Av. Ipiranga, 6681 - Partenon, Porto Alegre - RS, 90619-900.

Resumo

Para comemorarmos o centenário do patrono da Educação Brasileira, Paulo Reglus Neves Freire, iremos neste breve estudo propor um diálogo entre a pedagogia libertária de Freire e algumas princípios filosóficos que a fundamentam. Inicialmente, investigamos a trajetória histórica do pedagogo nordestino, e os momentos mais marcantes de sua vida cosmopolita. Em segundo, apresentaremos alguns dos principais alicerces de sua metodologia pedagógica, contudo, dada a vasta obra publicada por Freire, qualquer breve revisão será fadada em apenas ser um breve vislumbre da filosofia e pedagogia freireana. Por fim, iremos explorar algumas das origens filosóficas e políticas do conceito de pedagogia libertária, e como essas origens podem ser ligadas a filosofia Anarquista, dado a algumas semelhanças evidentes. A crítica a autoridade injustificada, a amorosa crença do caráter social e solidário do indivíduo humano, e um forte defesa da emancipação humana, algo que só pode ser alcançado através da busca pela liberdade e autonomia do sujeito. Tais paralelos levam à conclusão de que se a pedagogia libertária é um ato de amor, a filosofia libertária também deve ser, pois, ambas se nutrem da mesma fonte, e almejam o mesmo lugar: a emancipação humana.

Palavras-chave: Paulo Freire, Educação Libertária, Pedagogia Libertária, Anarquismo.

Abstract

To celebrate the centennial of the patron of Brazilian Education, Paulo Reglus Neves Freire, we will, in this brief study, propose a dialogue between Freire's libertarian pedagogy and some philosophical principles that underpin it. Initially, we investigate the historical trajectory of the northeastern educator and the most remarkable moments of his cosmopolitan life. Secondly, we will present some of the main foundations of his pedagogical methodology. However, given the vast work published by Freire, any brief review will only be meant to be a glimpse of Freire's philosophy and pedagogy. Finally, we will explore some of the philosophical and political origins of the concept of libertarian pedagogy and how these origins can be linked to Anarchist philosophy, given some evident similarities. Criticism of unjustified authority, the loving belief in the social and sympathetic character of the human individual, and a strong defense of human emancipation, something that can only be achieved through the search for freedom and

autonomy of the subject. Such parallels lead to the conclusion that if libertarian pedagogy is an act of love, libertarian philosophy must also be since both are nourished from the same source and aspire to the same place: human emancipation.

Keywords: Paulo Freire, Libertarian Education, Libertarian Pedagogy, Anarchism.

I. Introdução

Um dos principais expoentes da pedagogia crítica e libertária, reconhecido mundialmente, é Paulo Freire (1921-1997), o estimado filósofo e pedagogo nordestino. Freire, assim como o filósofo argentino Enrique Dussel (1934), outro expoente desta linha filosófica no continente Latino Americano,, expressaram em seus trabalhos o que pode ser chamado de um “Filosofia da Libertação”, uma forma de humanismo que pode ser enquadrado em vários movimentos filosóficos como o pós-modernismo, o transmodernismo, a teoria crítica, o pós-colonialismo, e até mesmo o anarquismo. Entre os trabalhos de Freire, algumas de suas principais contribuições para a literatura são a *Educação como prática da liberdade* (1967), *Educação para a Consciência Crítica* (1973), *Pedagogia do Oprimido* (1974), *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido* (1992), e a *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (1996).

Atualmente, as ideias de Freire são populares no mundo inteiro, sendo utilizadas como diretrizes para reformas pedagógicas em diversos continentes: América Latina, América do Norte, Europa, África, Oriente Médio, Ásia, Austrália e Nova Zelândia, continuam (re)escrevendo de distintas maneiras a profundidade do seu pensamento, baseadas na ideia da educação como prática da liberdade por meio do diálogo. Nas páginas seguintes vamos conhecer um pouco mais da vida de Freire, salientando as suas contribuições no campo da filosofia assim como destacando alguns aspectos de sua teoria pedagógica para conectar com outros filósofos/pedagogos que acharam no comprometimento com o Outro o caminho da humanização, tarefa sempre incompleta, mas não menos atrativa e desafiadora.

II. A vida e a carreira de Paulo Freire

Para fornecermos um relato histórico da vida de Freire, recorreremos a obra de Streck, Redin e Zitkoski (2010) *Dicionário Paulo Freire*, uma coletânea com 230 verbetes sobre

a obra do pedagogo brasileiro. Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife, capital de Pernambuco. Filho de um policial militar e de uma dona de casa, ficou órfão de pai aos treze anos. Sua educação inicial contou com o ingresso no Colégio Oswaldo Cruz, em Recife, por meio de bolsa concedida pelo diretor, mesma instituição onde anos depois foi se tornar auxiliar de disciplina e professor de Língua Portuguesa.

Em 1943, ingressou no curso de Direito da Universidade de Recife, contudo:

[...] desistiu dessa profissão na “primeira causa” em que se constituiu advogado de defesa de um jovem dentista que estava, sob muita pressão, querendo “ganhar mais um tempo” na condição de trabalhador para poder quitar sua dívida que contraíra na busca de montar seu próprio consultório dentário. Triste e abatido pelo contexto da injustiça social desse caso e impotente diante da burocracia jurídica, o jovem advogado decide ser um educador. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 30).

Desde então os objetivos de Freire se tornaram mais claros e alinhados: viver sua vida de modo a tornar o mundo um lugar mais livre e decente para todos. E para alcançar tal objetivo, Freire decide ficar junto àqueles que mais necessitam da verdadeira solidariedade para desenvolverem sua própria humanidade: os empobrecidos. Assim, Freire em 1947 avança seus estudos na área de filosofia da linguagem em Recife, e aceita a nomeação como diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria, iniciando um trabalho de alfabetização de jovens e adultos carentes e de trabalhadores da indústria pernambucana.

A sua vida acadêmica avança, e em 1959 passa pelo processo seletivo para a cátedra de História e Filosofia da Educação, da Escola de Belas Artes da Universidade de Recife, com a tese doutoral *Educação e atualidade brasileira*. Já em 1961, torna-se diretor do Departamento de Extensões Culturais, da Universidade de Recife, o que o possibilitou realizar suas primeiras experiências com o seu método de alfabetização de adultos. Talvez esse momento tenha sido a experiência mais importante da sua vida profissional, e Freire alcança projeção a nível nacional e internacional. Consolidando a sua experiência como educador de vários anos em diferentes níveis de ensino, Freire desenvolve um sistema de alfabetização baseado sobre o universo vocabular dos alunos,

junto os quais, através de conversas informais, o pedagogo observa os vocábulos mais usados por eles e as suas comunidade, e assim, seleciona as palavras que servirão de base para as lições de leitura e escrita.

Sem cartilha nenhuma, imerso na vida e no trabalho do povo, Freire e a sua equipe alfabetizaram em 45 dias 300 cortadores de cana-de-açúcar da localidade de Angicos (Rio Grande do Norte), mostrando a possibilidade de expansão de sua metodologia em programas de alfabetização de adultos para todo o nordeste brasileiro. A notícia do sucesso daquela experiência se expandiu rapidamente, o que leva ao então presidente João Goulart, por médio do Ministério da Educação e Cultura, à aprovação de um Plano Nacional de Alfabetização, que previa a formação de educadores em massa e a rápida implantação de 20 mil núcleos (os "círculos de cultura") pelo País, de modo a alfabetizar até seis milhões de brasileiros em tempo recorde. Porém, essa experiência, como tantas outras oportunidades de democratização, foi abortada pelo golpe militar de 1º de abril de 1964.

Freire passou 70 dias preso para finalmente ser exilado no Chile, onde chega para coordenar por oferecimento do Presidente Salvador Allende, projetos de alfabetização de adultos pelo Instituto Chileno da Reforma Agrária. Em 1969, é convidado como professor a lecionar na Universidade de Harvard, mas em 1970 o encontramos como consultor e coordenador emérito do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), com sede em Genebra, na Suíça. A experiência com a CMI permitiu ao educador pernambucano:

[...]participar de inúmeros projetos de alfabetização de adultos e assessorias aos ministérios de educação em diferentes países que buscavam romper com uma cultura da dominação e, dessa forma, apostaram em uma educação libertadora. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 31).

Freire faz assim viagens a mais de 30 países implementando importantes projetos educativos especialmente em República da Guiné-Bissau, República de Moçambique, República da Zâmbia e República de Cabo Verde. Foi apenas em 1979, com a anistia do regime militar aos exilados políticos, que Freire pode retornar a sua pátria para, como muitas vezes declarou, "*reaprender o Brasil*". É importante ressaltar que o tempo do exílio foi de extraordinária produtividade para Freire concluindo muitas das suas

principais obras: em 1967 publica *Educação como Prática da Liberdade*, (baseado fundamentalmente na tese *Educação e Atualidade Brasileira*), em 1974 dá-se luz a célebre *Pedagogia do oprimido*, e em meio das viagens pela Europa e África escreve *Cartas a Guiné-Bissau*, *Aprendendo com a própria história*, *Sobre educação (v. I)*, *Conscientização*, entre diversos outros textos dialogados e em parceria com outros autores.

Quando retornou no Brasil, lecionou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e na Universidade de Campinas (UNICAMP). Em 1989 tornou-se Secretário de Educação da cidade de São Paulo, depois que o Partido dos Trabalhadores, que tinha ajudado a fundar, ganhou as eleições locais. Isto levou a influência do pensamento de Freire às políticas educacionais, especialmente àquelas relacionadas ao currículo e às metodologias, primeiramente na cidade de São Paulo e, mais tarde, em outros municípios, tais como Porto Alegre, Caxias do Sul, Belo Horizonte, entre outros (GUILHERME; MORGAN, 2018, p. 788).

A década dos anos noventa foi de intensa atividade para Freire, onde o pedagogo buscou reinventar a escola pública brasileira na perspectiva da reinvenção da democracia e da afirmação autêntica da cidadania das classes populares. Além disso, tal período foi de abundante produção intelectual. Destacando entre os livros mais importantes desse período podemos citar a *Pedagogia da esperança; À sombra desta mangueira; Educação e política; A educação na cidade; Pedagogia da autonomia* e a *Pedagogia da indignação*.

Freire morreu devido a complicações cardíacas em 2 de maio de 1997, às 6h53, no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Em vida e postumamente, foi condecorado com 48 títulos honoríficos em todo o mundo, cerca de 350 escolas e instituições, como bibliotecas e universidades, levam o seu nome como forma de homenagem. Em 2005, Paulo Freire foi reconhecido como “Patrono da Educação Brasileira”.

III. Paulo Freire e a Educação

Assim como a filosofia freiriana é original e desestabilizadora, seus aportes no campo de educação podem-se considerar da mesma natureza e ainda maiores. De fato, segundo levantamento elaborado em 2016 por Elliot Greeni, pesquisador especialista em estudos

sobre desenvolvimento e aprendizagem da London School of Economics, a obra *Pedagogia do Oprimido* é o terceiro livro mais citado em trabalhos da área de humanidades no mundo, estando à frente no ranking de pensadores como Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Karl Marxⁱ.

Por isso mesmo, é irrealista a pretensão de apurar em poucas páginas a riqueza do pensamento de Freire em relação com a educação. Dessa forma, iremos nos concentrar em apenas algumas das suas principais colocações, mais especificamente, aquelas em relação a como o diálogo e a educação dialógica são a base do processo de humanização e libertação do indivíduo. Para Freire o impulso que leva o ser humano à educação é ontológico, ou seja, decorre de sua própria natureza (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 133). Como todos os seres da natureza, homens e mulheres são incompletos, inconclusos e inacabados, e é a consciência da incompletude e do inacabamento que os impulsiona para procurar a plenitude, tendo a possibilidade de-se humanizar junto aos outros:

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. (FREIRE, 1996, p. 64).

Nesse encontro de sujeitos endereçados ao mundo para humanizar-se e é que o diálogo e a palavra se revelam *“como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”*. Para que o diálogo se dê, se precisa da palavra, mas não de qualquer palavra, mais sim da palavra *“verdadeira”*. Algo que surge como fruto da dialética entre a ação e a reflexão, e assim, possui o poder de transformação do mundo. O contrário seriam as palavras inautênticas, as que vêm cheias de ativismo, ou de verbalismo, ou de simples *“blábláblá”*, e que só servem para alienar (FREIRE, 1974, p. 44).

Baseado nas palavras verdadeiras, o diálogo então não é um ato de depositar vocábulos e ideias de um sujeito no outro, nem tampouco como simples troca de informações, o diálogo é o encontro dos homens que mediatizados pelo mundo decidem pronunciá-lo *“verdadeiramente”* para assim transformá-lo. Com a palavra e com o diálogo, os homens se convertem em criadores ao encontrar-se e pronunciar o mundo, e no ato da palavra,

“[...] o mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo pronunciar” (FREIRE, 1974, p. 44).

Dessa forma, por médio do diálogo e da palavra, o mundo e a realidade social é denunciada e anunciada. Denunciada a respeito da injustiça e exploração, mas anunciada como sonho possível de uma sociedade que pelo menos seja “menos opressora”. Com certeza chega aqui à lembrança do sistema de alfabetização freiriano baseado sobre o universo vocabular dos alunos, junto os quais, os educadores, através do diálogo nomeiam o mundo, permitindo assim a tomada de consciência dele através da análise dos significados sociais dos temas e palavras, para finalmente, desafiar e inspirar o aluno a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada.

Precisamente esse era o processo mais querido, mas também o mais temido no Brasil na década dos anos 60 do século XX. Chegava o momento da palavra verdadeira e de renomeação do mundo, o que se somou a outra questão no cenário político: que na época, somente poderiam votar aqueles que fossem alfabetizados. O Plano Nacional de Alfabetização poderia ter levado letramento mais de seis milhões de brasileiros, o que significaria seis milhões de novos eleitores fora das classes dominantes. É possível especular, sem muitas controvérsias, que esses foram fatores decisivos para a prisão de Paulo Freire e dezenas de outras pessoas que também foram exiladas.

Assim, tudo aquilo que foi proposto até aqui pode ser desenvolvido de maneira contrária pelos indivíduos que não querem a pronúncia do mundo, por aqueles que negam o direito a dizer a palavra aos outros, ou por aqueles que não aspiram a se comprometer com a pronúncia do mundo, nem buscar a verdade, mas sim em impor a sua. És aqui que se encontram os inícios dos instrumentos como a injustiça, a exploração e a opressão (DURAKOĞLU, 2013, p. 103).

Mas voltando à teoria dialógica de Freire, e para apresenta outra faceta do que ele pensou para a educação, é útil visitar novamente suo original contraste entre a educação dialógica-libertária como uma alternativa àquilo que Freire denominou de educação bancária. Podemos definir a educação bancária como uma forma de descrever e criticar o sistema de educação tradicional, a analogia viria do fato de que alunos são tratados como “contas”, cujo os professores devem depositar conhecimento (FREIRE, 1970). Para

Freire, essa forma de ensino reforça uma relação desigual e opressora entre professor e aluno, onde o aluno é privado da chance de desenvolver seu pensamento crítico, da oportunidade de descobrir o conhecimento por si, tornando-se apenas um espectador passivo de seu processo de educação, e professores se tornam autoridades epistemológicas. Nas palavras de Freire:

Em vez de se comunicar, o professor emite comunicados e faz depósitos que os alunos recebem, memorizam e repetem pacientemente. Este é o conceito "bancário" de educação, no qual o escopo de ação permitido aos alunos se estende apenas até o recebimento, arquivamento e armazenamento dos depósitos. (FREIRE, 1974, p. 58).

Por exemplo, é uma coisa ser "ensinado" que a área do quadrado da hipotenusa é igual a soma das áreas dos quadrados dos catetos oposto e adjacente ($a^2 + b^2 = c^2$). O teorema pitagórico é uma simples fórmula algébrica facilmente memorável, mas qual o conhecimento em se memorizar $a^2 + b^2 = c^2$? Uma maneira muito mais frutífera de se ensinar geometria euclidiana, é guiar o aluno para que o próprio possa vir a descobrir a relação entre a área criada pelos lados de um triângulo retângulo, algo que pode ser feito de diversas formas, geometricamente, algebricamente, visualmente e até mesmo experimentalmente. Ao possibilitar esta experiência, o professor não deposita o conhecimento, mas auxilia ao aluno descobrir por si um teorema matemático, algo que argumentamos, como Freire, é uma experiência muito mais digna do potencial humano.

Além de possibilitar ao aluno a experiência de redescobrir o conhecimento humano já estabelecido, Freire defende que o educando tenha autonomia sobre as habilidades que queira desenvolver, de modo a descobrir suas próprias vocações e qualidades. Talvez essa seja a proposta mais contra-intuitiva de Freire, e, ao mesmo tempo, a mais bela: a crença na possibilidade de unirmos liberdade e responsabilidade. Algo que podemos chamar de um modelo de educação libertária. O que Freire propõe é a liberdade do potencial humano, livre de uma estrutura pedagógica onde, se a autoridade for injustificada, deve ser considerada como opressora.

Podemos dizer sem muitas controvérsias que a espécie humana possui, como outros animais, certas características marcantes e intrínsecas a sua essência, como a criatividade, curiosidade e um forte impulso exploratório. Na própria filosofia de Freire,

a busca como conhecimento é uma característica ontológica da experiência humana. O que mais teria levado hominídeos a atravessarem oceanos inteiros, sem nenhuma garantia de segurança ou terra firme, além de seu intrínseco impulso exploratório? Dadas tais características, podemos nos questionar: se seres humanos são inerentemente curiosos, e buscaram o novo, o conhecimento, por livre vontade, por quê o conhecimento deve ser transmitido de forma tão forçada e assimétrica? Para Freire, o indivíduo tende a buscar livremente pelo conhecimento, e essa é a crença no potencial humano para seu desenvolvimento autônomo. Assim, se o conhecimento for procurado, ele não precisa mais ser transmitido, e nem precisa de um transmissor. Em sua obra “Pedagogia da Autonomia”, Freire (1976) descreve o ambiente pedagógico como um ponto de encontro para aqueles que buscam o conhecimento, e além disso, possuem seu conhecimento próprio. Dentro de um ambiente horizontal, onde o professor perde a posição de doutrinador e se junta aos alunos na problematização e descoberta do conhecimento, o processo se torna mais crítico e dialógico. Isso se contrapõem ao que Freire denomina como “Assistencialismo”, em suas palavras:

[...]o assistencialismo é tanto um efeito quanto uma causa de massificação..., não oferece nenhuma responsabilidade, nenhuma oportunidade de fazer decisões, mas apenas atitudes gestuais que incentivam a passividade,...nunca leva ao destino democrático. (FREIRE, 1973, pp. 15-16).

Certamente que nesta visão o papel do professor se torna extremamente mais desafiador! Como um co-comunicador, como um auxiliar, como um incentivador, e nunca como uma autoridade epistemológica, se torna a função do professor explorar e desenvolver as capacidades dos alunos. Neste modelo tanto o professor quanto os alunos dirigem o processo de aprendizagem, e o professor ao invés de ser o “mestre” dos alunos, se torna seu “servo”, prestando um serviço, o serviço de promover aos educandos a oportunidade de se tornarem agentes livres e autônomos, mestres e descobridores do próprio conhecimento. É importante entender que neste modelo o professor, se agindo da forma que resguarde a autonomia dos alunos, ainda possui autoridade, mas uma autoridade justificada. Ao nosso ver, Freire não é contra a autoridade, mas sim contra a autoridade injustificada. Um bom professor não necessita impor sua autoridade verticalmente, mas conquistar a liderança e admiração de seus

educandos horizontalmente. Uma tarefa consideravelmente mais desafiadora, mas de forma igual capaz de tornar indivíduos incomparavelmente mais livres e “humanos”.

Esta forma de educação atribui uma intensa fé no potencial humano. Fé em que o “eu” e o “tu” passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois “tu” que se fazem dois “eu”, para juntos ser conscientes de si, de sua realidade, e se-educar (FREIRE, 1974). Por isto, para que o diálogo aconteça, não podemos nos basear em uma relação de dominação, mas estabelecendo uma autêntica relação eu-tu entre os sujeitos. Dessa forma, uma educação que seja transformadora e libertadora deve romper os esquemas verticais da educação bancária e redimensionar a contradição entre educador e educando. Nas palavras de Freire, é através do diálogo que “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 1974, p. 39).

À luz destas abordagens compreensivas é que deve ser mais bem relida a afirmação do Freire conforme “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1974, p. 39), e também esclarecer a estendida controvérsia em relação com Freire ser um apoiador da educação passiva e não diretiva. Pelo contrário, para ele a educação e o papel do professor são ativos e problematizadores, já que buscam a emersão das consciências pela inserção crítica na realidade, procurando quanto mais problematizar os educandos, como seres no mundo, e com o mundo ser capaz de desvendar a realidade (FREIRE, 1974, p. 40). Em consequência, para Freire a diretividade constitui o caminho viável que pode ser dado à educação para que ela possibilite ao educando emancipar-se, não colocando a diretividade como uma posição autoritária e tampouco deixando a prática educativa numa posição de “*laissez-faire*” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 206).

Existe sim uma diferença entre o educador e o educando, mas isso não significa antagonismo, ou que o autoritarismo seja o fator distintivo do educador para com o educando (GUILHERME; DE FREITAS, 2017). Assim, a aparente passividade e neutralidade da educação e do educador pode ser superada, com a única precaução de não reproduzir o relacionamento bancário. Para Freire:

[...] o que temos que fazer, na verdade, é propor ao povo através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação. (FREIRE, 1974, p. 49).

Assim, o ato educativo se converte também em um ato políticoⁱⁱ e os educadores têm um papel importante a desempenhar na conscientização e na libertação dos oprimidos, convertendo-se em agentes-políticos (GUILHERME; MORGAN, 2018), mas não com o propósito da manipulação ou do doutrinamento, mas sim com o compromisso de dizer aos educandos o que pensam e por que, com honestidade e abertura. Somando tudo, a compreensão de Freire da educação a faz problematizadora, mas também libertadora, e obriga o educando e educador a correr o risco da viagem conjunta. E é exatamente o risco e a aceitação do novo que são as condições necessárias para à prática educativa (GUILHERME; DE FREITAS, 2017)

Surge então a pergunta principal: como nos orientarmos, desviando da educação bancária dominadora, e buscando uma educação libertária? Freire precisamente destaca este caminho como uma atitude fundamentalmente amorosa. O diálogo é fruto do amor profundo ao mundo e aos homens. Só é possível a pronúncia do mundo e a educação como um ato criador, se educando e educador encontram-se revestidos de amor. E para isso precisa-se de coragem, de valentia, mas também de humildade. Apenas com humildade, mas com coragem, que poderemos nos perguntar:

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu? Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são, “nativos inferiores”? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença nas massas da história é sinal de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e sem, só em pensar nela, soufr e definho? (FREIRE, 1974, p. 46).

Desta maneira, o diálogo é colocado ao serviço da libertação (do educador e do educando), que é alcançada pela conscientização e a práxis. Conscientização

caracterizada pelo engajamento contínuo, crítico e dialógico dos indivíduos com seu contexto histórico. É a práxis profética e esperançosa que parte da utopia e da crença profunda nas capacidades transformadoras do agenciamento humano, para o compromisso de construir um mundo mais livre e decente para todos. Liberdade, Autonomia e Solidariedade.

IV. Educação Libertária e Anarquismo

Para admiradores do trabalho de Freire, sua intenção pode ser resumida em um desejo de uma existência mais humana e justa para todos. Em uma forma de amor que tem como objetivo final a libertação, e não a posse (MCLAREN; LANKSHEAR, 1994; MCLAREN; FARAHMANDPUR, 2004). Dado que a liberdade e a emancipação do autoritarismo são princípios norteadores da pedagogia da libertação de Freire, uma pergunta óbvia aos leitores mais inclinados a estudos voltados para filosofia política é: seria Paulo Freire um anarquista? O quão próximo os ideais libertários de Freire se associam com o posicionamento Anarquista? E além disso, como o anarquismo pode contribuir para o desenvolvimento do indivíduo humano? Para isso iremos precisar situar a pedagogia de Freire dentro do paradigma anarquista, e avaliarmos se uma bijeção é possível.

A pedagogia libertária de Freire segue princípios filosóficos e políticos que caracterizam a educação como uma ferramenta de transformação da sociedade. Para Zitkoski (2007), a proposta freireana, quando enquadrada dentro da ética, política, antropologia e epistemologia, surge como uma “[...] revolução cultural enquanto caminho para humanização do mundo” (ZITKOSKI, 2007, p. 230). Como isto pode ser relacionado ao pensamento Anarquista. Em primeiro lugar, existem várias correntes Anarquistas: Mutualismo (CARSON, 2007), Anarquismo Social (KROPOTKIN, 1998), Anarquismo Individual (BROOKS, 1994), Anarquismo Coletivista (BOOKCHIN, 1998), enfim, qualquer lista de correntes anárquicas que providenciamos, no fim será incompleta. Contudo, os princípios que unem todas estas diferentes narrativas são: uma crítica a toda forma de autoridade centralizada, e uma demanda pela liberdade e soberania do indivíduo-povo. Para simplificarmos, os principais ideais anarquistas podem ser resumidos nas palavras do antropólogo e anarco-ativista David Graeber (1961-2020): “*o anarquismo é apenas democracia sem o Estado*”ⁱⁱⁱ.

Enquanto Freire critica o modelo pedagógico bancário, com sua hierarquia vertical professor-aluno, o Anarquista político critica a autoridade do Estado, e qualquer forma de autoridade centralizada como ilegítima. Nas palavras de Mikhail Bakunin (1990, p. 178), “Se existe um Estado, deve haver domínio de uma classe sobre outra e, como resultado, escravidão; o Estado sem escravidão é impensável - e é por isso que somos os inimigos do Estado”. Enquanto a crítica de Bakunin é mais geral, dirigida a todas as formas de instituições autoritárias e centralizadas, Freire foca especificamente nas instituições pedagógicas, e justificadamente. Se podemos considerar a educação como uma ferramenta de transformação social, através da educação libertária, onde se estimulam ideais que questionem qualquer forma de autoridade injustificada, podemos extrapolar como tal modelo educacional, a longo prazo, desenvolveria indivíduos não mais dispostos a se colocarem como vítimas, subalternos, ou dependentes de um Estado opressor.

A filosofia anarquista serve como uma metodologia crítica para questionar uma série de estruturas opressoras injustificadas em nossas sociedades, sejam elas dentro de hierarquias raciais, hierarquias de gênero, e inclusive a opressão humana contra a natureza (eco-anarquismo) e os animais (anarco-veganismo). Assim, uma descrição ampla do termo “Anarquismo”, definitivamente pode incluir uma crítica ao modelo hierárquico autoritário pedagógico, como Freire e outros proponentes da educação libertária fazem. Nas palavras de Nocella, White, e Cudworth:

O anarquismo é uma teoria sócio-política que se opõe a todos os sistemas de dominação e opressão, como o racismo, o carnismo, o sexismo, o anti-LGBTQT+, o ageísmo, o dimensionismo, o governo, a competição, o capitalismo, o colonialismo, o imperialismo e a justiça punitiva, e promove a democracia direta, a colaboração, a interdependência, a ajuda mútua, a diversidade, a paz, a justiça transformadora e a equidade. (NOCELLA; WHITE; CUDWORTH, 2015. p. 7).

Contudo, é importante ressaltarmos que nem todas as formas de anarquismo repudiam toda e qualquer forma de autoridade, e acreditamos que é neste modelo que a pedagogia libertária de Freire pode ser melhor enquadrada. Anarquismo *a posteriori*, também às vezes referenciado como “Anarquismo contingente”, é uma forma menos rigorosa de anarquismo. Para Noam Chomsky (2005, p. 23), “o anarquismo tem costas largas, e,

como o papel, aceita qualquer coisa", e de fato, diversas correntes anárquicas são até mesmo antagônicas sobre suas costas. Contudo, essa flexibilidade revela, em nossa opinião algo valoroso no pensamento anárquico: que inúmeras linhas de pensamento chegam ao seu valor principal, a sua tendência atrativa, a liberdade.

O anarquismo contingente não é contra o estado, ou a autoridade, mas sim contra a autoridade injustificada, algo que na maior parte dos Estados é o caso. Para o anarquista contingente, o estado só pode ser mantido até o ponto que sua existência e autoridade são justificadas, devendo ser constantemente escrutinado, e obrigado a justificar sua autoridade. Nas palavras de Chomsky:

[...] é o que sempre entendi ser a essência do anarquismo: a convicção de que o ônus da prova deve ser colocado sobre a autoridade, e que deve ser desmontado se esse ônus não puder ser cumprido. Às vezes, o ônus pode ser cumprido. (CHOMSKY, 2005, p. 178).

Assim, da mesma forma que Chomsky reconhece que existem formas do Estado se justificar, Freire não elimina o papel do Professor, e nem tão pouco o torna impossível. Freire apenas coloca o papel do pedagogo em uma posição de constantemente ter de justificar sua autoridade para com seus educandos, através de competência e humildade. E dentro desta interação crítica, permitir que tanto o aluno quanto o professor desenvolvam suas capacidades, tornando-se assim indivíduos mais capazes, os alunos em ser agentes críticos e livres, e o professor em ser um agente promotor da libertação humana.

Talvez possamos comparar Freire com outros anarquistas, que da sua forma, pacificamente, buscavam a libertação humana. Gandhi foi muito influenciado por Lev Tolstói e o pensamento Anarquista, Marshall (2010, capítulo 26) argumenta que por mais que Gandhi seja comumente classificado como um anti-colonialista, o revolucionário hindu está entre os anarquistas. Nas palavras do próprio Mohandas Karamchand Gandhi (1956, p. 134), "Eu mesmo sou um anarquista, mas de outro tipo". E Gandhi e Freire não estão sozinhos na corrente anárquica-pacifista, podemos também citar a anarquista lituana Emma Goldman (1869-1940):

Creio que o anarquismo é a única filosofia de paz, a única teoria da relação social que valoriza a vida humana acima de tudo. Sei que alguns

Anarquistas cometeram atos de violência, mas é a terrível desigualdade econômica e a grande injustiça política que provocam tais atos, não o Anarquismo. Toda instituição hoje repousa sobre a violência; nossa própria atmosfera está saturada com ela. (GOLDMAN, 1998, p, 59).

Talvez a desobediência civil proposta por Thoreau (1937) seja a melhor forma como possamos encaixar o comportamento ideal do “educando desobediente” no ambiente pedagógico. O anarquista reconhece que desobedecer o Estado, ou a autoridade do Pedagogo, é uma declaração de conflito. Contudo, o anarquista irá cooperativamente para a cadeia, pois, o valor da cooperação também deve ser visto como vantajoso. Isso ilustra a complexidade e tensão existente entre os conceitos de liberdade e responsabilidade defendidos por Freire, pois, da mesma forma que a autoridade do professor deve ser criticada, se o educando agir de forma injustificada, este deve ser capaz de cooperar com a autoridade do pedagogo em definir alguma questão chave.

Seguindo as propostas e princípios libertários de Freire, podemos ver um possível, e talvez evidente, diálogo com o pensamento Anarquista. Estes sendo:

- *Liberdade na escolha das disciplinas*: deve se colocar sobre a autonomia do aluno, e do grupo, tudo que for possível. Disciplinas são colocadas à disposição do educando, mas nunca exigidas. Na pedagogia libertária o conhecimento deve surgir de por livre engajamento do grupo na resolução de problemas e das experiências vividas pelo grupo.
- *O papel do Pedagogo e do Educando*: o professor deve se misturar com o grupo, participando das atividades o máximo possível. Da mesma forma, os educandos devem incentivar uma atmosfera de inclusão e participação, caso o aluno não queira participar, isto se dá pois o aluno se sente integrado, e uma nova abordagem deve ser discutida e procurada.
- *Avaliação*: não existe sentido em se avaliar o conteúdo do que foi aprendido, pois, alunos não são repositórios de conhecimento. Educandos são antes de qualquer coisa agentes práticos, e a relevância de seu conhecimento só pode ser demonstrado no contexto prático.
- *Anarquismo*: todas as estruturas de poder e opressão devem ser criticamente questionadas. Nas palavras do próprio Freire (1974, p. 19), “a consciência crítica (dizem...) é anárquica”.

Vemos acima, em uma de suas primeiras, e mais conceituadas, obras, a proximidade de Paulo Freire da filosofia anarquista. Não poderíamos considerar a busca pelo “ser-mais”, como um ato de protesto ao modelo educacional bancário, a uma crítica consciente ao autoritarismo injustificado, a busca pela liberdade e emancipação humana, a promessa Anárquica? Acreditamos que a educação libertária é uma forma de anarquia, ou, no mínimo, a educação libertária é algo que o anarquismo busca. Seria este ideal utópico demais? Se a falta de direção, coesão global e governo fossem resultados de uma estrutura de governo Anarquista, não estaríamos vivendo em meio a uma “Anarquia” em pleno 2020? O que o anarquismo realmente almeja é a construção de governança coletiva, com a crença de que um governo sem Estado não é apenas possível, mas algo a ser desejado. E na filosofia libertária de Freire, vemos isso como um dos alicerces de sua pedagogia, a crença de que uma das instituições mais importantes da sociedade, a escola, possa operar sem a necessidade de um modelo hierárquico de governança autoritário para buscar o desenvolvimento contínuo do ser humano. Acreditamos que tal modelo não é utópico, mas uma possibilidade, fruto de um intenso trabalho de conscientização crítica e organização.

V. Conclusão

Uma das maiores críticas levantadas contra o Anarquismo é que ele é “*desdentado*”. Ou seja, ele não passa de um modelo teórico, sem praticidade (PETERSON, 1987). Que a tensão entre cooperação e desobediência que muitos anarquistas experienciam no dia-a-dia (Devemos votar nulo? Devemos protestar? Devemos desobedecer a lei?) torna o anarquismo apenas uma fuga idílica do status quo, algo que no fim se tornaria apenas mais uma das ferramentas de alienação do próprio Estado que anarquistas se opõem. Contudo, podemos chamar a filosofia libertária de Paulo Freire de desdentada?

A pedagogia freireana é um instrumento voltado para uma das instituições mais hegemônicas do Estado, e responsáveis pela ideologização massiva da população. Em contraponto, imaginemos que a educação libertária seja desenvolvida de maneira massiva. Acreditamos que a filosofia freireana teria um impacto significativo nas estruturas que mantêm o Estado, talvez, pelo simples fato de prover ao indivíduo o “gosto da liberdade fraterna”, que fora da instituição de ensino não seria mais tão fácil de encontrar. Não seria este contraste uma centelha para questionamentos maiores para

com as demais instituições do Estado, e em geral, qualquer estrutura de poder injustificada? Não querendo ser profetas, ou ditar aquilo que deveria ser, deixamos a pergunta em aberto, para a reflexão de todos que virem a ler este trabalho.

Anarquismo, e educação libertária, não são guias com fórmulas prontas para problemas como, “como ensinar álgebra?”, ou, “como devemos organizar um sistema de saúde universal em uma sociedade descentralizada?”. Caso fosse, estaríamos cometendo o mesmo erro que Anarquistas criticam ao modelo vertical e hierárquico de ensino, ou seja, estaríamos apenas ditando regras e definições. Pelo contrário, o Anarquismo e o método pedagógico libertário são metodologias para como se resolver problemas, ou seja, uma abordagem mais indireta, que apenas nos mostra *como* podemos vir a alumiar tais questões. E como seria tal metodologia? Todos juntos, unidos por laços de solidariedade, autonomia e liberdade, decidimos democraticamente como abordar e resolver tais questões, ao invés de delegar a uma autoridade a responsabilidade por nossas próprias vidas. Não se trata de um método perfeito nem utópico, mas um método mais humanizado e social.

Referências

- BAKUNIN, M. *Statism and Anarchy (Gosudarstvennost' i anarkhiâ)*. Translated by Marshall S. Shatz. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1990.
- BOLIN, T. Paulo Freire: The Global Legacy. *Educational Philosophy and Theory*, 51,5, 2019, p. 537-539. DOI: 10.1080/00131857.2018.1474646
- BOOKCHIN, M. *The Spanish Anarchists: The Heroic Years, 1868–1936*. Toronto: AK Press, 1998.
- BROOKS, F. H. *The Individualist Anarchists: An Anthology of Liberty (1881–1908)*. Transaction Publishers: New Brunswick, 1994.
- CARSON, K. *Studies in Mutualist Political Economy*. Book Surge Publishing, 2007.
- CHOMSKY, N. *Notas sobre o Anarquismo*. São Paulo: Imaginário/Sedição, 2004.
- DURAKOĞLU'S, A. Paulo Freire's Perception of Dialogue Based Education. *International Journal on New Trends in Education and Their Implications*, 4(3), 2013, p. 12.
- DUSSEL, E. D. *Filosofia da Libertação na América Latina*. São Paulo, Editora Loyola, 1980.
- FREIRE, P. *The banking model of education*. In: Provenzo, Eugene F. (Ed.). *Critical issues in education: an anthology of readings*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1970, pp. 105–117.

- _____. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1974.
- _____. *Education for Critical Consciousness*. New York, Seabury Press, 1973.
- _____. *Education, the Practice of Freedom*. London, Writers and Readers Publishing Cooperative, 1967.
- _____. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1992.
- GANDHI, M. K. *The Gandhi Reader: A Sourcebook of His Life and Writings*. Homer A. J. (Ed.), New York: Grove Press, 1956.
- GOLDMAN, E. *Syndicalism: Its Theory and Practice*. In: *Red Emma Speaks: An Emma Goldman Reader*, 3ª edition, A. Kates Shulman (Ed), Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press, 1996.
- GUILHERME, A. A.; DE FREITAS, A. L. Paulo Freire E Gert Biesta: Um Diálogo Fecundo Sobre a Educação Para Além Da Facilitação Da Aprendizagem. *Revista Inter Ação*, 42(1), 2017.
- GUILHERME, A.; MORGAN, W. J. Refletindo sobre o Papel do Professor : Buber , Freire e Gur-Ze'ev. *Educação & Realidade*, 43(3), 2018, p. 783–798.
- _____. *Filosofia, Diálogo e Educação: nove filósofos europeus modernos*. Brasília: Cátedra Unesco, 2020
- KROPOTKIN, P. *Mutual Aid: A Factor of Evolution*. London: Freedom Press, 1998.
- MARSHALL, P. H. *Demanding the Impossible: A History of Anarchism*. Updated edition, Oakland, CA: PM Press, 2010.
- MCLAREN, P.; FARAHMANDPUR, R. *Teaching against global capitalism and the new imperialism*. Oxford, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 2004.
- MCLAREN, P.; LANKSHEAR, C. *Politics of liberation: Paths from Freire*. London: Routledge, 1994.
- NOCELLA, A.; WHITE, R. J.; CUDWORTH, E. *Anarchism and Animal Liberation: Essays on Complementary Elements of Total Liberation*. Jefferson, NC: McFarland, 2015.
- PETERSON, S. A. Moral Development and Critiques of Anarchism. *Journal of Libertarian Studies*, 8 (2), 1987, p. 237–245.
- STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. *Dicionário Paulo Freire*. São Paulo: Autêntica Editora, 2010.
- THOREAU, H. D. *Civil Disobedience*. In: *Walden and Other Writings*, B. Atkinson (Ed), New York: Modern Library, 1937.

ZITKOSKI, J. *A pedagogia freireana e suas bases filosóficas*. In: *Leituras de Paulo Freire: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo*, G. Pitano, S. Silverira, F. Tejada, (Eds), Pelotas: Seiva Publicações, 2007.

ⁱ Cátedra Paulo Freire (PUC-SP), Notícias. Disponível em: <https://www.pucsp.br/paulofreire/noticias-2018.php>

ⁱⁱ Precisamente em esta compreensão da dimensão política da educação, Freire constrói sua pedagogia sobre uma linha de pensamento traçada no século XX por pensadores como Simone Weil, Hannah Arendt ou Jürgen Habermas, entre outros. Simultaneamente, vale a pena assinalar uma conexão de pensamento, talvez pouco conhecida, com outro grande inovador da educação o psicólogo russo Lev Vygotsky, para quem a pedagogia nunca é, e nunca foi, politicamente indiferente (GUILHERME; MORGAN, 2020).

ⁱⁱⁱ Entrevista com David Graeber, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bxshXRDIxRo&t=2s&ab_channel=ZoeBaker